



UMA CASA, OUTRA VIDA¹ (www.umacasaoutravida.com.br)

Graziele STORANI²

Camila RODRIGUES³

Guilherme RIBAS⁴

Juliana OLIVIERI⁵

Rafael MARTINI⁶

Alexandre CARVALHO⁷

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

RESUMO

Casa. Asfalto. Barraco. Lama e esgoto a céu aberto. Habitação. O déficit de sete milhões de moradias no território brasileiro tem o poder de comprometer aspectos diversos da vida de uma pessoa que habita as chamadas moradias irregulares. O fato de ter ou não uma casa para morar vai além do sentido de propriedade e privacidade e interfere diretamente em questões como saúde, segurança, educação, trabalho e autoestima..

PALAVRAS-CHAVE: habitação; favela; Cidade Tiradentes; saneamento básico; jornalismo.

1 INTRODUÇÃO

(**Observação:** Por orientação da coordenadoria do Expocom Sudeste, representada pela professora Nélia Del Bianco, o acesso ao vídeo-documentário "Uma Casa, Outra Vida" é sugerido por meio do site www.umacasaoutravida.com.br. O arquivo enviado junto desta apresentação traz uma imagem do site, com destaque para o endereço eletrônico. O motivo da alteração se deve a dificuldades técnicas de upload do vídeo diretamente ao sistema da Expocom. Gratos pela compreensão.)

Em História da Vida Privada, 1987, Antonie Prost e Gérard Vincent retratam a forma de vida dos mais pobres no século XIX. “Pais e filhos viviam todos os atos da vida cotidiana às claras. A toailete se fazia necessariamente sob as vistas dos próximos, que desviavam o olhar quando a ocasião pudesse chocar o pudor”. A cena se repete na primeira década dos anos 2000 na maior cidade do Brasil.

¹ Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria (II) Jornalismo, modalidade (n) documentário em vídeo.

² Aluno líder do grupo bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, email: grastorani@uol.com.br.

³ Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, graduada em 2010, email: camila-jornalista@hotmail.com.

⁴ Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, graduada em 2010, email: paraomelhor@yahoo.com.br

⁵ Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, graduada em 2010, email: julianathomazolivieri@gmail.com

⁶ Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, graduada em 2010, email: rafaelsvmartini@gmail.com

⁷ Orientador do trabalho. Professor do Curso de jornalismo, email: ale.carvalho@uol.com.br



Segundo o IBGE, as favelas são aglomerados de moradias estruturalmente inadequadas, localizadas em morros, fundos de vales, em faixas de córregos, mangues, regiões alagadiças ou em condições topográficas de difícil aproveitamento. Construídos com madeira velha, zinco, plástico e papelão, em meio às áreas públicas ou particulares, esse tipo de moradia não possui regulamentação e apresentam infraestrutura inadequada. Em 1970, apenas 1% da população da Grande São Paulo vivia em favelas. Em 2001, ela havia dado um salto, para nada menos de 20%, um número que cresce 3,7% ao ano.

Para essas pessoas, o dia em que conseguem a chave da casa própria não representa simplesmente a aquisição de um imóvel, mas a possibilidade de não conviver mais com a imundície, ou a inacessibilidade de ambulâncias e caminhões de distribuição de água.

Para Pierre Bourdieu em *Gostos de classe e estilos de vida*, 1994, a relação entre educação, linguagem e acesso a bens materiais, se une e forma um conjunto de noções que influenciam e determinam os indivíduos de um mesmo espaço social. Ao caminhar por um bairro periférico da cidade de São Paulo, percebe-se que no mesmo território coexistem ao menos dois grupos que vivem em condições bem distintas: moradores de conjuntos habitacionais, criados com iniciativa pública, e os que vivem nas favelas (ou comunidades) - os “subnormais”, como define o IBGE.

Viver em um local que não foi invadido deixa o indivíduo mais tranquilo, sabendo que dessa forma, ele não pode ser despejado a qualquer momento sem ter para onde ir. Ter um endereço é imprescindível na hora de preencher a ficha de inscrição para uma vaga de emprego. Ter um espaço para uma mesa dentro de casa, onde uma criança possa estudar, incentiva a educação na mesma intensidade que desanima ser obrigado a ler um livro sujo de barro colocado sobre um pedaço de madeira, no meio da viela, onde mora. Essas e outras percepções nortearam a pesquisa e desenvolvimento deste projeto, que foi elaborado com a finalidade de discutir o déficit habitacional brasileiro, que chega a sete milhões de moradias.

Para apontar o desfalque brasileiro de moradias regulares, o documentário “Uma Casa Outra Vida” compara as moradias irregulares, favelas, às casas e apartamento dos conjuntos habitacionais que, básicos como são, fazem uma diferença tremenda na vida dos moradores que passam a ter melhores condições de acesso a saúde, segurança, educação, trabalho e autoestima.

Maior conjunto habitacional da América Latina, a Cidade Tiradentes tornou-se objeto de estudo do documentário “Uma Casa, Outra Vida”. Um distrito com 15 km² - cerca de 5% do território da cidade de São Paulo – a Cidade Tiradentes está localizada a 35km



quilômetros da Praça da Sé - marco zero da cidade . Maior, no entanto, é a distância ideológica que separa os moradores das 40 mil unidades de conjuntos habitacionais dos habitantes irregulares que ocupam as 13 favelas da Cidade Tiradentes.

O bairro foi planejado como um grande conjunto periférico e monofuncional do tipo “bairro dormitório” para deslocamento de populações atingidas pelas obras públicas, assim como ocorreu com a Cidade de Deus, no Rio de Janeiro. No final da década de 1970, o poder público iniciou o processo de aquisição de uma gleba de terras situada na região, que era conhecida como Fazenda Santa Etelvina, então formada por eucaliptos e trechos da Mata Atlântica.

Prédios residenciais começaram a ser construídos, modificando a paisagem. O local começou a ser habitado por enormes contingentes de famílias, que aguardavam na “fila” da casa própria. Além da vastidão de conjuntos habitacionais, que formam a chamada “Cidade Formal”, existe também a “Cidade Informal”, constituída por favelas e loteamentos habitacionais clandestinos e irregulares. As áreas ocupadas pela população da “Cidade Informal” são lacunas deixadas na construção dos prédios dos conjuntos populares; ocupações nas bordas dos conjuntos e também de expansão da mancha urbana. A subprefeitura estima que 25% da área do bairro é ocupada de forma irregular.

2 OBJETIVO

O presente projeto de vídeo-documentário se dispõe a gerar um produto que retrate algumas das diversas influências causadas na vida de um indivíduo pelo fato de ter uma habitação própria ou morar em um barraco construído em terreno invadido, cercado pela ausência de saneamento básico, higiene e outras mazelas. Tem-se por finalidade mostrar, através de histórias de moradores da periferia de São Paulo, que o tipo de habitação de um indivíduo influencia em questões como conquista de um emprego, condições de estudo, segurança e saúde e até autoestima.

Através de um formato multimidiático, com a disponibilização do conteúdo em um website, configurando a produção de uma modalidade ainda não reconhecida pelas instituições de ensino, a apresentação é também realizada em web-documentário. Além da mídia de documentário tradicional apresentada para cumprimento da conclusão do curso de jornalismo, o web-documentário possibilita o acesso de um maior número de receptores ao produto, que não fica apenas em uma prateleira de locadora ou biblioteca. A intenção é



provocar uma parcela maior da população a refletir sobre os valores embutidos no ‘detalhe’ de se possuir um endereço.

3 JUSTIFICATIVA

Ter uma casa para morar, um espaço para estudar, para se divertir, para comer. Condições mínimas de saneamento básico. Fatores como esses são colocados na ponta do lápis quando uma pessoa procura um local para se estabelecer. Há, no entanto, aqueles que sequer recebem um salário mensal. Para estes, a busca se restringe a procura de um teto para se abrigar, nem que este seja sustentado por madeiras velhas.

O problema habitacional é uma questão tão antiga quanto a edificação das primeiras grandes cidades, e no Brasil, esse problema ganhou ênfase e se agravou por conta do forte êxodo rural ocorrido no século passado, da estagnação do mercado imobiliário na década de 70 e da ausência de eficientes políticas públicas habitacionais.

A periferia precisa ser vista e ouvida. Os problemas dessa significativa parcela da população brasileira têm de ser ressaltados e discutidos para que a chance de alguma mudança exista. Questionar o problema habitacional e enfatizar a necessidade de morar, ter uma casa, além de apontar o desafio das políticas públicas se faz necessário e é o motivo de existência desse vídeo-documentário também disponibilizado no formato de web-documentário. A necessidade do acesso à moradia adequada e o entendimento da subjetividade de ter uma casa são os alicerces que sustentam a proposta deste projeto, que compara a moradia irregular às necessidades básicas atendidas pelos conjuntos habitacionais.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

As visitas do grupo de TCC à Cidade Tiradentes que de início tinham a função de nos dar base de estudo para um outro tema (a representação que a mídia dava à periferia) nos fizeram enxergar uma realidade diferente da programada nas reuniões do grupo para a realização do documentário. Estávamos fazendo o caminho contrário. Saíamos de nossas reuniões com uma forma e tentávamos encaixar os moradores da CT em nosso molde, quando, na verdade, eles tinham um formato próprio e o que nos cabe, como jornalistas, é mostrar isso.

Nesse momento, de olhos abertos e sem pré-planos, nos despimos de nossos pré-conceitos, e pudemos nos deparar com “a diferença”. Gritante era a discrepância quando atravessávamos uma rua e saímos dos prédios da Cohab e CDHU, entrando em uma das 13



favelas que a Cidade Tiradentes tem. Essa diferença finalmente nos chamou a atenção e compreendemos que o “morar” é o fator que mais contribui para que o contraste exista.

Ter um endereço, ter acesso a saneamento básico, autoestima e amor pelo lugar onde se mora tem muito a ver com a possibilidade de chamar o local onde se vive de “casa” e não de “barraco”. Foi assim que chegamos ao tema habitação. Mais do que colocar o dedo na ferida da moradia em nosso país, queremos mostrar a total diferença que faz para uma pessoa ter onde morar. Longe de ser ideal, os conjuntos habitacionais do governo, básicos como são, promovem um estilo de vida diferenciado para as famílias.

A partir da definição do tema nossas vidas seriam modificadas e ainda nem sabíamos. Frequentar favelas, estabelecer contato com traficantes, segurar o choro diante de uma criança que, de posse de nossa máquina fotográfica, se desculpa por não ter nada bonito em sua casa para ser fotografado foram fatos que modificaram mais do que a vida acadêmica dos cinco estudantes de jornalismo que passaram a ser chamados pelos professores e pela turma da sala de “grupo da periferia”.

As dificuldades encontradas

Desde que abraçamos o tema habitação e passamos a ocupar nossos finais de semana com visitas aos prédios e favelas da Cidade Tiradentes, nossa dificuldade ganhou um perfil. A dificuldade era olhar para a realidade. Era sentir a dor de ver uma criança brincando de jogar pedra no córrego infestado de esgoto que passa atrás do barraco onde vive. Era lidar com o medo de perder. Medo de perder fontes que falaram demais ao revelar a dura realidade da lei paralela que governa as favelas.

Pequenos conflitos e medos permearam também nossa rotina na Cidade Tiradentes. O maior deles e que nos chamou a atenção foi o medo do tráfico e a revolta de ter de nos explicar e pedir permissão aos “donos” do lugar, provando sempre que estávamos falando de habitação e não do comércio paralelo desenvolvido por eles. Tínhamos de deixar escapar, pelas entrelinhas da conversa, com quem nos procurava para questionar nossa presença ali, que nosso foco era a moradia e os moradores. Não tivemos grandes problemas, mas o frio na barriga e a sensação de ser vigiado acompanhavam o grupo em cada passo dado pelas vielas e becos do Jardim Maravilha, favela onde focamos nossas gravações..

Apesar da insegurança e medo de representar ameaça aos traficantes, nossas dificuldades foram além dos desafios de gravação, o que engloba a presença do tráfico. As adversidades superaram o fato do nosso objeto de estudo se localizar a 30 km de nossa universidade. Era mais que isso.



A dificuldade já não era mais deixar de passar os finais de semana com a família e os amigos. A dificuldade foi além do fato de termos assumido o papel de cinegrafistas, já que nossos horários de gravação não combinavam com o cronograma da equipe disponibilizada pela faculdade.

A dificuldade foi voltar para casa depois de passar um dia assistindo a cenas como as descritas acima e notar que não podíamos resolver a vida daquelas pessoas.

O desafio maior foi saber que um problema de tamanhas dimensões como é o da habitação é tratado como banalizado e não merece destaque nas pautas diárias dos jornais assim como não ganha espaço no Congresso Nacional.

A dificuldade foi nos manter na posição de jornalistas, de historiadores, da realidade, como definiu Ricardo Kotscho. “Repórter é o historiador que escreve sobre o dia de hoje, na esperança de contribuir para um amanhã melhor”, relatou. Tivemos problemas para entender que o máximo que podíamos era escrever, retratar, capturar a realidade daquelas pessoas e levar para os receptores de nosso documentário. Algumas de nossas aflições estão no blog que criamos e abastecemos ao longo do processo de produção – www.umacasaoutravida.wordpress.com

Para aceitar isso, nos agarramos à ideia de que chamando a atenção das pessoas para as precariedades da habitação, contribuímos de certo modo para aumentar as chances das autoridades darem a atenção que o assunto merece.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O documentário “Uma Casa, Outra Vida” é um vídeo de 32 minutos que aborda a questão do déficit de moradias regulares no Brasil. A partir de histórias de moradores do distrito Cidade Tiradentes, localizado a 35 km do centro da cidade de São Paulo, o vídeo apresenta a diferença entre se morar em uma casa no asfalto do Distrito e em barracos, localizados entre as treze favelas que abrigam parte dos 35 milhões de brasileiros que vivem em moradias irregulares.

O documentário está dividido em cinco capítulos. Saúde, Educação, Trabalho, Segurança e Autoestima são os temas que se apresentam ao longo dos 32 minutos para transmitir ao receptor a crucial diferença que faz para uma pessoa morar em uma casa com acesso a saneamento básico, espaço para estudo, segurança policial, endereço cadastrado pela prefeitura.

Não há um público alvo específico para o vídeo-documentário “Uma Casa, Outra Vida”. A intenção do produto é colocar o assunto em pauta e mostrar a relevância da discussão sobre



a moradia já que, no Brasil, o déficit habitacional é de cerca de sete milhões de moradias, de acordo com o Ministério das Cidades - *Os últimos dados sobre o tema são de 2006 e têm como base a Pnad (pesquisa nacional por amostra de domicílios) realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) com números daquele mesmo ano.

Abordar o tema é a oportunidade de tornar nosso documentário uma força expressiva pela mudança e reavaliação dos preceitos e encaminhamentos sociais brasileiros, a fim de sensibilizar o espectador com o intuito de criar uma discussão permanente em relação ao assunto.

Projeto Editorial

Pessoas com perfis e condições diferentes dão o rosto do vídeo-documentário “Uma Casa, Outra Vida”. Demonstrar a relação antagônica que existe entre moradores dos conjuntos habitacionais (Cohab e CDHU) e moradores da favela é a função de cada um dos 32 minutos de duração do produto. O documentário se baseia na linguagem telejornalística, estruturado em texto, offs, sonoras e músicas. A escolha por apresentar o vídeo também na plataforma da world wide web tem dois principais motivos - disponibilizar o material no ambiente para o qual cada vez mais as pessoas convergem suas necessidades e buscar a oportunidade de exibir materiais que vão além do vídeo principal. No site, além do acesso ao documentário, o usuário pode encontrar fotos, textos e vídeos que tornam melhor o conhecimento do assunto e dos personagens. Com acesso ao conjunto de materiais editados, o receptor pode ir além do vídeo-documentário e conhecer mais sobre a história do projeto e dos personagens envolvidos.

6 CONSIDERAÇÕES

Um problema que não tem a atenção merecida. É essa a situação da moradia no Brasil. Um tema discutido com pouca profundidade. Embora seja um problema que afeta a população desde o início dos altos índices de urbanização, em 1950, a moradia só ganhou espaço na legislação do país doze anos depois da atual Constituição estar em vigência. A Constituição Federal, de 1988, teve estampado em suas páginas o direito à habitação apenas em 2000, através da Emenda Constitucional de número 26, aprovada no dia 14 de fevereiro.

O fato de uma bela frase incluir a moradia entre os itens que são “direitos sociais” do artigo 6º da Constituição parece não ter trazido muitas alterações na efetiva carência que chega hoje ao déficit de sete milhões de casas no território brasileiro. Ao lado de outras palavras de impacto e de pouca eficácia, quando apenas escritas, ficou o direito à moradia que



ganhou como vizinhos o direito à educação, à saúde, ao trabalho, ao lazer, à segurança, à proteção à maternidade e à infância, à assistência aos desamparados. Palavras de impacto esquecidas pelos executores da lei, pelos jornalistas e por grande parte da sociedade.

Acreditamos que a função do jornalista é contar histórias que precisam ser contadas. A partir de personagens que vivem diariamente as dificuldades de não ter uma casa para morar, foi possível sentir a informação, inicialmente, teórica: o parecer técnico de que o Brasil sofre com um déficit de sete milhões de habitações pôde ser sentido in loco ao entrarmos na Cidade Tiradentes.

Não apenas retratar, mas cutucar essa ferida é o objetivo desse grupo que tem o sonho de alcançar transformações e mudanças a partir de reflexões e ações concretas por parte de grupos de discussões, imprensa, opinião pública e autoridades.

Se antes de começar a desenvolver esse projeto ainda existia algum resquício de desconfiança de que o jornalista precisa, de fato, ir até a notícia, ele foi eliminado. Nada vai conseguir apagar da nossa memória todas as histórias de amor, medo, culpa, sofrimento, solidão e alegria que ouvimos, presenciamos e sentimos durante a realização do documentário. Certamente ver de perto a vida numa favela dá mais trabalho, leva mais tempo, mais suporte emocional, mais questionamentos pessoais. Por outro lado, se deixar levar apenas por dados de pesquisas obtidos numa tela de computador gera mais insatisfação, mais preguiça, mais distância. E menos jornalismo.

O crescimento técnico, como não poderia deixar de ser, foi grande ao longo da produção, gravação e edição desse projeto. Aprendemos muito com a chance de estar em campo e ter de resolver nossos próprios problemas. Nos vimos sozinhos com equipamentos que não fomos ensinados a usar e aprendemos. Estávamos sozinhos diante de traficantes que questionaram nosso trabalho e resolvemos. Lidamos com a distância, com o tempo, com o medo, com a angústia de não saber como retratar as histórias da maneira como nossas personagens mereciam. Enfrentamos nossas inseguranças, nossos defeitos, nossas dificuldades. Aprendemos um com o outro e mais do que tudo, com nossos próprios limites testados como nunca. Lutar contra o tempo e contra a falta de equipe técnica foram desafios que cumpriram a função de transformar esse projeto em algo que nos engrandecesse profissionalmente.

O maior aprendizado, contudo, ficou por conta do que não fizemos. Ficou a cargo daquilo que fizeram por nós. Produzir um documentário sobre o problema da habitação interferiu, como não podia deixar de ser, na formação de caráter de cada um de nós. Podemos afirmar, sem medo de exagerar, que somos outras pessoas ao apertar o play de nosso vídeo pronto.



A interferência da vida daquelas personagens em nosso dia a dia foi um ingrediente que formou jornalistas melhores. Pudemos através dele ter a dimensão da responsabilidade que demanda ser jornalista. Entramos nas casas e nas vidas daquelas pessoas e passamos a ter responsabilidade sobre as histórias que nos foram entregues em meio a lágrimas, sorrisos e confissões.

Jovens universitários, que, nas primeiras reuniões de pautas tinham respostas para tudo foram substituídos por questionadores apaixonados pela realidade e pelo sonho de melhorá-la. Hoje, ao contrário de respostas, temos perguntas. “Uma casa, outra vida” também para cada um de nós.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBEIRO, Heródoto. **Você na telinha – Mídia training na televisão**. Futura, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Gostos de classe e estilos de vida**. In: Ortiz, Renato (org.) Ática, São Paulo: 1983.

BOURDIEU, Pierre. **La Distinción**. Madrid: Taurus, 1999.

DEAK, André. FEHLAUER, Paulo. **Crônica de uma catástrofe ambiental**.

[Documentário interativo]. Realização de André Deak e Paulo Fehlauer. Brasil.

DEAK Andre, NUNES, Juliana, SAVAZONI, Rodrigo, PIMENTEL, Spency.

Documentário Interativo “Nação Palmares”. Licenciado sob Creative Commons 2.5.

11 min. Disponível em

<<http://www.agenciabrasil.gov.br/grandes->

[reportagens/2007/10/16/grande_reportagem.2007-10-16.3152825702](http://www.agenciabrasil.gov.br/grandes-reportagens/2007/10/16/grande_reportagem.2007-10-16.3152825702)

PATERNOSTRO, Vera Iris. **O Texto na TV – Manual de Telejornalismo**. 13. ed. Campus, 1999.

PROST, Antonie. VINCENT, Gérard. **História da Vida Privada**. Companhia das Letras, 1987.